



Perijeta:  
Falsche-se

# Repensar o futuro

Como não pensar em presente quando falamos de futuro? O tema do CRIA nos coloca em uma posição de xeque para sairmos do piloto automático e nos liga diretamente no papel de protagonista dessa mudança pois re-pensar o futuro é pensar em quais são os nossas ações no presente, para colher as consequências de forma consciente e intencional.

# Problemáticas e soluções

A cultura é um patrimônio imaterial transmitido entre gerações. No entanto, com o avanço da globalização, da urbanização dos territórios e da tecnologia, muitas de nossas práticas ancestrais têm perdido espaço para novos hábitos e culturas. Padrões de reconhecimento histórico estão desaparecendo junto com os nossos antepassados, pois, para muitos jovens, o interesse pelo que é "velho" dá lugar à busca pelo novo e pelas tendências do mundo contemporâneo.

Diante disso, nasce a proposta do festival: aproveitar o atual interesse por trocas culturais para resgatar uma prática ancestral que desperte nas pessoas o sentimento de pertencimento e nostalgia. O objetivo é colocar o folclore brasileiro em evidência, trazendo seus símbolos e ensinamentos para o presente, valores que moldaram o Brasil de antigamente e que ainda têm muito a ensinar.

# Problemáticas e soluções

Cada personagem folclórico carrega uma mensagem, uma atitude, um ensinamento. São elementos simbólicos que podem inspirar reflexões profundas sobre o presente e, principalmente, sobre o futuro. A conscientização é um dos pilares do evento, promovendo o encontro entre arte e sustentabilidade, e provando que essa conexão é não só possível, como necessária.

Nesta primeira edição, a grande protagonista será Iara, a Mãe d'Água, figura mitológica conhecida por sua origem indígena e sua transformação em sereia.

No campo espiritual, Iara também é reconhecida como um espírito encantado vivo, com presença e força em diversos trabalhos espirituais e tradições populares.

Sua imagem carrega um poderoso simbolismo: a de guardiã das águas. Ao colocá-la em destaque, o festival também levanta a pauta da poluição dos rios e da preservação das águas doces, um tema urgente que afeta diretamente o meio ambiente e a vida de todos nós. Assim, Iara se torna ponte entre o sagrado, o cultural e o ecológico, refletindo o espírito do festival.

# Propósito da imagem de moda

Nas imagens, a figura de uma nova Lara ressurge, reimaginada como símbolo de força sensível, ancestralidade viva e reconexão com a natureza. Envoltas em luzes suaves e texturas orgânicas, elas nos convidam a desacelerar, a ouvir o silêncio e a valorizar o que é real, passando assim a mensagem em forma de signos do que será o festival. Seu olhar direto rompe com estereótipos e propõe uma presença feminina consciente, plural e profundamente enraizada. A cena transmite uma fusão entre o mito e o presente, entre o artesanal e o tecnológico, revelando um futuro possível onde inovação caminha junto com respeito às raízes. É uma imagem que fala de cura, diversidade, sustentabilidade e resistência poética, um lembrete de que imaginar outros mundos começa por honrar as histórias que nos trouxeram até aqui.

# Reflexões sociais

Lara, a lendária sereia das águas doces, ressurgiu em um corpo terreno, reinventada sob uma estética contemporânea que une mito, espiritualidade, resistência e sensibilidade. Longe do arquétipo passivo da lenda tradicional, essa nova Lara nos olha de frente, segura de sua existência e profundamente conectada à terra e ao corpo que habita. Sua presença evoca uma ancestralidade viva, que pulsa entre fios de luz e tramas artesanais, entre natureza e artifício, entre passado e reinvenção.

A composição nos leva a refletir sobre o bem-estar coletivo a partir do gesto mais íntimo: a reconexão com as raízes, com o feminino sagrado e com os saberes ancestrais. Ao repousar em um espaço simbólico que lembra o útero da floresta ou o leito de um rio, essa Lara moderna propõe cura, não como fuga, mas como enfrentamento poético.

# Reflexões sociais

A rede que envolve seu corpo, fibras naturais, luzes envolventes, textura da pele e brilho quente nos transporta para perto de uma fogueira e invoca um chamado à sustentabilidade como ética estética. Tudo nela respira a terra, sem precisar gritar. Ela é a água que sussurra transformação, propondo uma arte que não destrói para criar, mas que se integra e regenera.

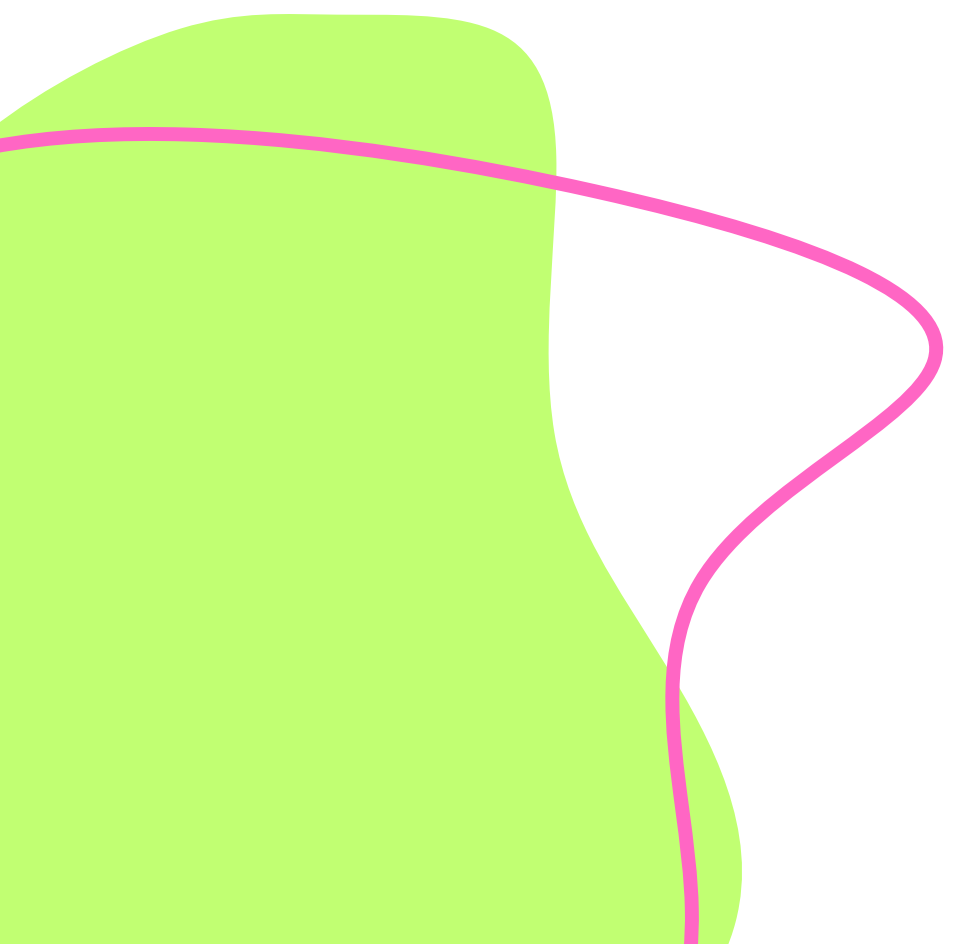
Essa lara também é plural. Seus traços, cabelo, adereços e até mesmo a tatuagem fala de diversidade como potência e da inclusão como fundamento. Ela não se conforma com moldes coloniais: ela os desfaz, os reimagina. Seu corpo não é símbolo de sedução ou perigo, mas território de autonomia e afirmação.

# Reflexões sociais



Por fim, a inovação surge aqui como transgressão delicada, ao incorporar luzes tecnológicas em harmonia com um cenário ancestral, também refletindo ao festival, a imagem propõe novos caminhos para narrativas visuais brasileiras. É uma provocação artística: como atualizar os mitos sem apagá-los? Como usar a arte para dar voz ao que sempre foi silenciado?

Essa nova lara, então, não canta para atrair. Ela existe para lembrar: somos água, somos história, somos futuro.

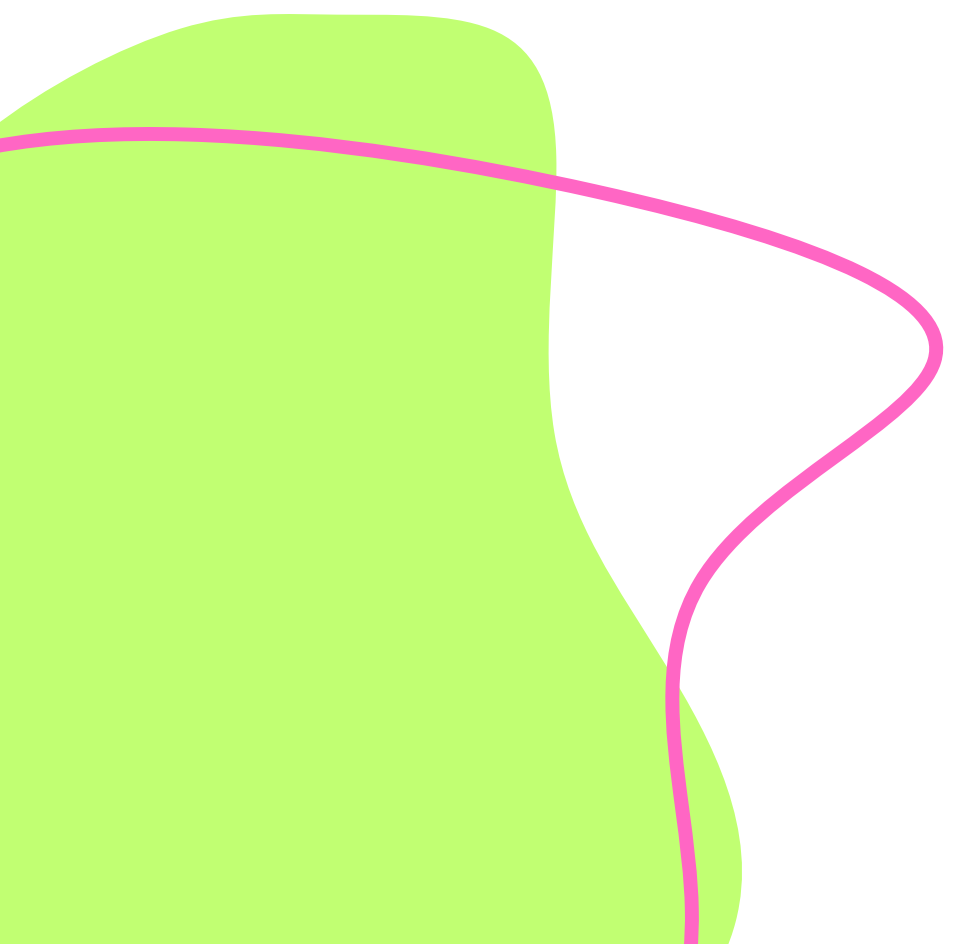


# Reflexões sociais

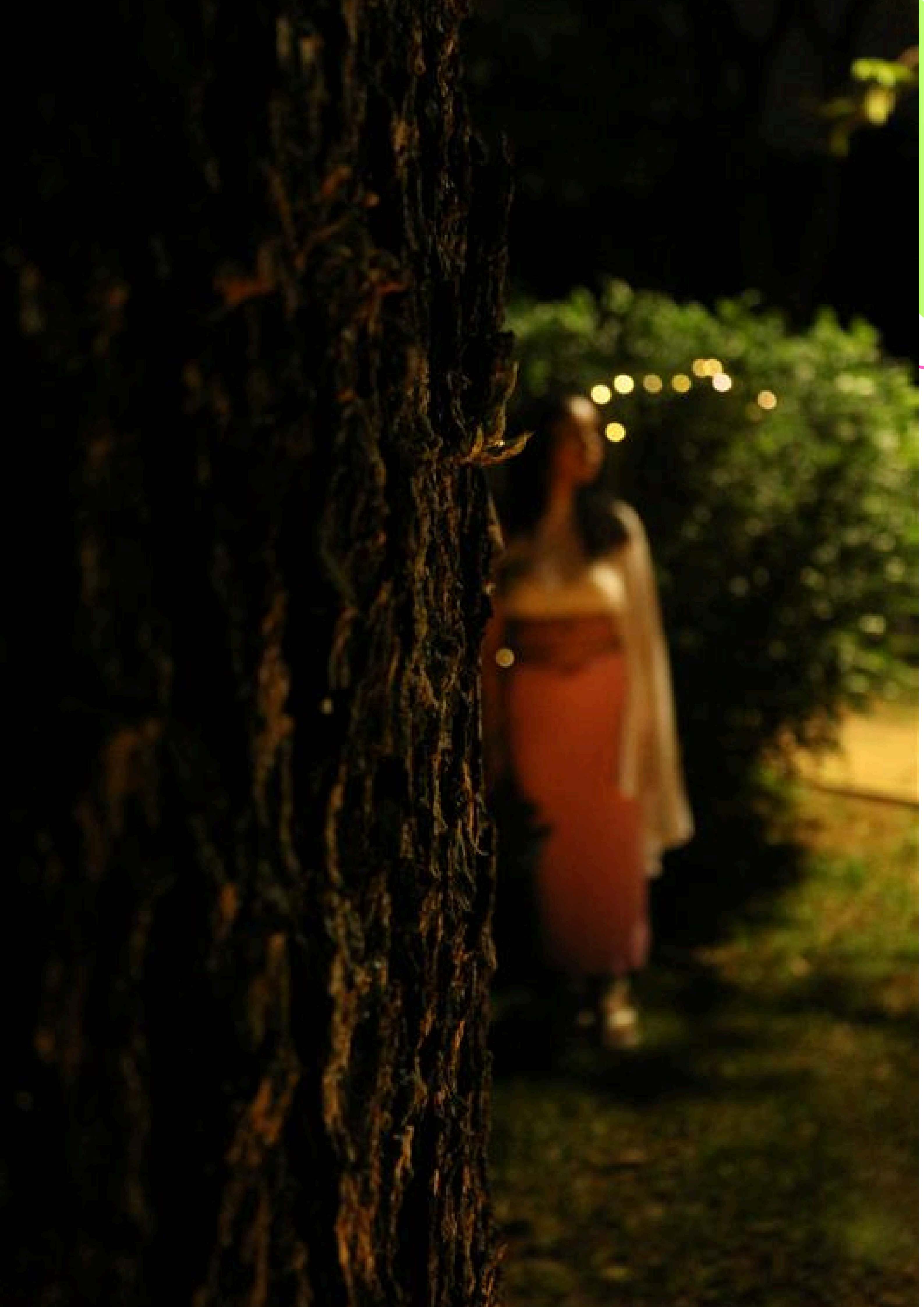


Por fim, a inovação surge aqui como transgressão delicada, ao incorporar luzes tecnológicas em harmonia com um cenário ancestral, também refletindo ao festival, a imagem propõe novos caminhos para narrativas visuais brasileiras. É uma provocação artística: como atualizar os mitos sem apagá-los? Como usar a arte para dar voz ao que sempre foi silenciado?

Essa nova lara, então, não canta para atrair. Ela existe para lembrar: somos água, somos história, somos futuro.



















# Mensagem transmitida

Nas imagens, a figura de uma nova lara ressurge, reimaginada como símbolo de força sensível, ancestralidade viva e reconexão com a natureza. Envoltas em luzes suaves e texturas orgânicas, elas nos convidam a desacelerar, a ouvir o silêncio e a valorizar o que é real, passando assim a mensagem em forma de signos do que será o festival. Seu olhar direto rompe com estereótipos e propõe uma presença feminina consciente, plural e profundamente enraizada. A cena transmite uma fusão entre o mito e o presente, entre o artesanal e o tecnológico, revelando um futuro possível onde inovação caminha junto com respeito às raízes. É uma imagem que fala de cura, diversidade, sustentabilidade e resistência poética, um lembrete de que imaginar outros mundos começa por honrar as histórias que nos trouxeram até aqui.

# O que as fotos transmitem?

Nas imagens, lara, a lendária sereia das águas doces, ressurgue em um corpo terreno, reinventada sob uma estética contemporânea que une mito, espiritualidade, resistência e sensibilidade. Longe do arquétipo passivo da lenda tradicional, essa nova lara nos olha de frente, segura de sua existência e profundamente conectada à terra e ao corpo que habita. Sua presença evoca uma ancestralidade viva, que pulsa entre fios de luz e tramas artesanais, entre natureza e artifício, entre passado e reinvenção.

A composição nos leva a refletir sobre o bem-estar coletivo a partir do gesto mais íntimo: a reconexão com as raízes, com o feminino sagrado e com os saberes ancestrais. Ao repousar em um espaço simbólico que lembra o útero da floresta ou o leito de um rio, essa lara moderna propõe cura, não como fuga, mas como enfrentamento poético.

A rede que envolve seu corpo, fibras naturais, luzes envolventes, textura da pele e brilho quente nos transporta para perto de uma fogueira e invoca um chamado à sustentabilidade como ética estética. Tudo nela respira a terra, sem precisar gritar. Ela é a água que sussurra transformação, propondo uma arte que não destrói para criar, mas que se integra e regenera.

O que as fotos  
transmitem?

Essa lara também é plural. Seus traços, cabelo, adereços e até mesmo a tatuagem fala de diversidade como potência e da inclusão como fundamento. Ela não se conforma com moldes coloniais: ela os desfaz, os reimagina. Seu corpo não é símbolo de sedução ou perigo, mas território de autonomia e afirmação.

Por fim, a inovação surge aqui como transgressão delicada, ao incorporar luzes tecnológicas em harmonia com um cenário ancestral, também refletindo ao festival, a imagem propõe novos caminhos para narrativas visuais brasileiras. É uma provocação artística: como atualizar os mitos sem apagá-los? Como usar a arte para dar voz ao que sempre foi silenciado?

Essa nova lara, então, não canta para atrair. Ela existe para lembrar: somos água, somos história, somos futuro.

# Composição estética

Forma e linhas – orgânicas com fluidez e naturalidade, compondo os visuais com a intenção de dar movimento as imagens.

Textura- folhas e troncos compõem as texturas que virão através dos tecidos como o algodão e crochê. traremos o mix entre os elementos naturais do cenário com as peças do cotidiano.

Modelos: a modelo foi escolhida pelas características físicas tidas como as que relacionam a personagem, exceto pelo cabelo cacheado, a dando um ar de inovação, quase uma surpresa dentro da imagem

Poses: movimentos contínuos para remeter a água, mãos que “chamam” trazendo a sensualidade e um certo nível de provocação com o público.

Materiais cenográficos: Foram usados apenas fios de fada (luzes) para remeter as luzes de um festival.

Styling: A manualidade foi muito presente no styling, tanto no top, como na “rede” que cobre a modelo, as cores e amarrações trazem um ar feminino e sustentável.

Elementos do styling:

Top de crochê: feito pela aluna Sabrina Moraes;

Saída de praia: feito pela aluna Sabrina Moraes e estilizada para que virasse uma blusa;

Saia: acervo de Sabrina Moraes garimpada na feira da troca, garantindo a circularidade da peça;

Rede: feito pela aluna Juliana Moraes, para um outro projeto;

Acessórios: Acervo de Marinara Santos, trazendo elementos de pedrarias.

# *Novo jeito de consumir moda.*

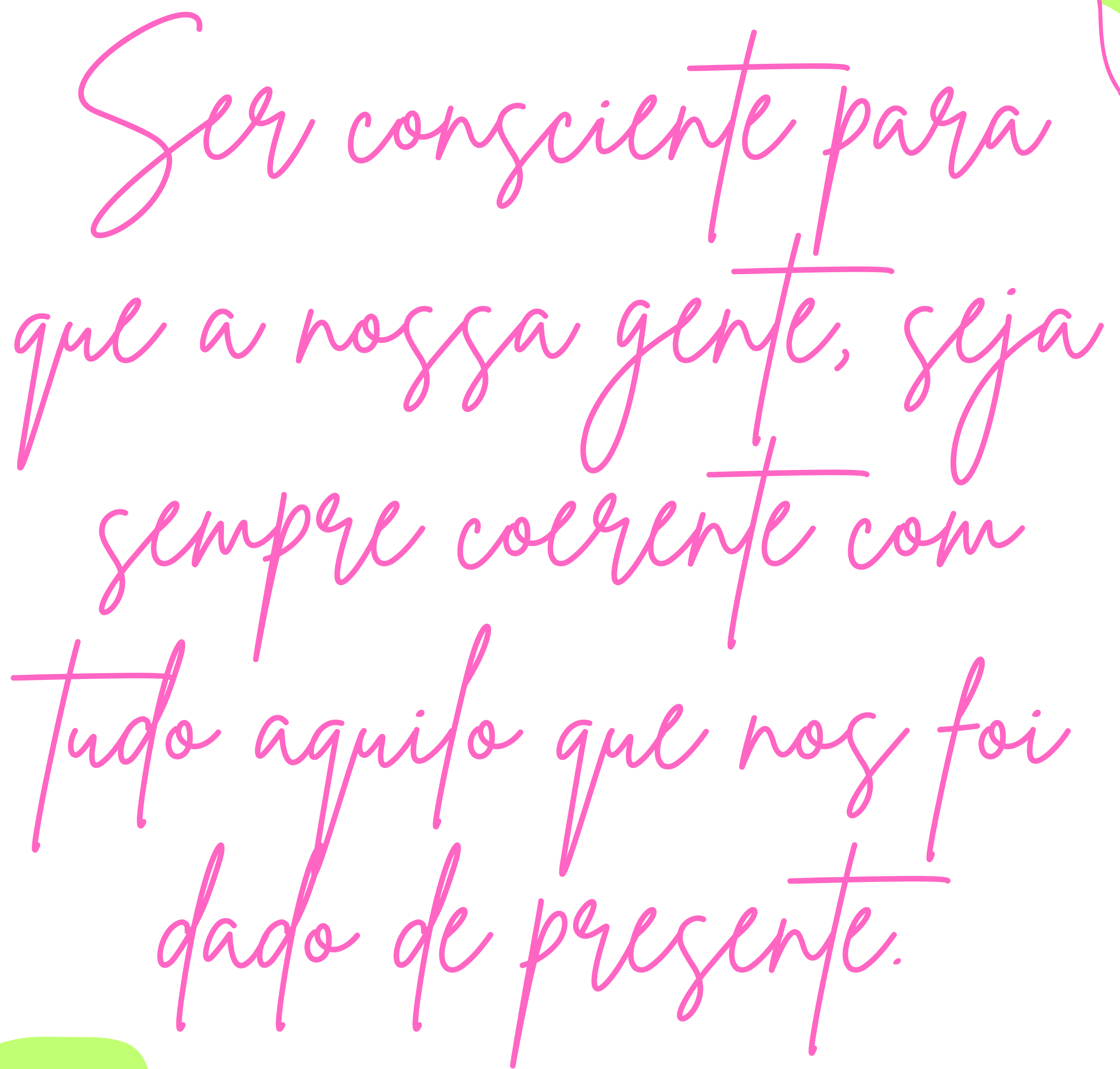
O projeto tem como um de seus principais pontos, a valorização das artes manuais, dando visibilidade para manualidades e trazendo uma reflexão sobre o consumo exacerbado de roupas, e como esse jeito que adquirimos de consumir moda, apenas pelo desejo de pertencimento nos leva para longe de quem nós somos verdadeiramente.

# Novo jeito de consumir moda.

O projeto tem como um de seus principais pontos, a valorização das artes manuais, dando visibilidade para manualidades e trazendo uma reflexão sobre o consumo exacerbado de roupas, e como esse jeito que adquirimos de consumir moda, apenas pelo desejo de pertencimento nos leva para longe de quem nós somos verdadeiramente.

## Palavras chave

Ancestralidade; sustentabilidade; resgate cultural; inovação; tecnologia; espiritualidade; conscientização.



Ser consciente para  
que a nossa gente, seja  
sempre coerente com  
tudo aquilo que nos foi  
dado de presente.

# Processo criativo

O processo se iniciou com uma dinâmica de “word café” proposta pelo docente Renan Vital em sala de aula, criamos um enorme briefing, dividido em 4 partes: Conceito; mídias sociais; público alvo e referencias visuais. A construção de toda essa ideia partiu de 5 pilares: Inovação, sustentabilidade, ancestralidade, tecnologia e diversidade.

Partindo desse resultado os alunos foram divididos em equipes de 3 pessoas para desenvolvimento de um projeto com um o novo conceito, e com o foco na ancestralidade e inovação, a ideia de trabalhar com o folclore brasileiro, uma conceito que aprendemos quando somos pequenos, mas que se perde ao longo da nossa vida adulta.

Partimos então para a parte de pesquisa onde os membros do grupo escolheram os personagens para a criação do conceito que foram: Saci, Curupira, Iara e Mula sem cabeça, pensando que em um festival com várias edições para poder contemplar todos os personagens que fazem parte dessa mitologia. Tendo essas pesquisas em mão o moodboard foi desenvolvido criando uma imagem de referência para o trabalho. A ideia inicial era trabalhar efetivamente com 4 personagens, entretanto por uma questão de logística, reduzimos para apenas 3: Iara, Saci e Curupira.

# Processo criativo

Foram feitos teste de styling e uma estética foi definida, cores claras para contrastar com o fundo de noite e arborizado da proposta. No dia das primeiras fotos 28/05, foram capturadas apenas as imagem da "lara" pois os modelos que interpretariam Saci e Curupira não conseguiriam comparecer no dia. Tendo em vista essa mesma questão e o curto prazo, os planos mudaram mais uma vez, deixando apenas a lara como representante do festival.

As fotos foram tiradas na unidade Senac de Sorocaba, facilitando a locomoção e podendo utilizar os equipamentos profissionais da unidade como câmera e iluminação. A maquiagem e beleza ficaram por conta das alunas Marinara Santos e Sabrina Moraes que traduziram o conceito já idealizado agora efetivamente para a modelo. As fotos foram tiradas com o auxílio da docente Talita do Santos, que nos ajudou com visão fotográfica e iluminação técnica. Os fios de fada na foto foram adicionados para trazer esse ar de "festival", o que também auxiliou nessa imagem mística que gostaríamos de transmitir. As peças do styling foram todas de acervos pessoais dos integrantes do grupo, e a rede que cobre a modelo na foto era de um outro projeto que também era encaminhado para o CRIA.

# Processo criativo

Nas fotos, procuramos trazer um novo conceito de "lara" fugindo dessa ideia de que ela era uma sereia que apenas leva os homens ao fundo do mar, mas sim traz autonomia e afirmação para essa figura que carrega o sagrado feminino. Ao longo de todo esse processo podemos aprender o quanto o desenvolvimento e um repertório criativo na hora da criação de uma imagem de moda faz a diferença na entrega de resultado assim como desenvolvê-lo também. É importante ressaltar que esse projeto ocorre em concomitância com o nosso projeto integrador.

O processo de ser a modelo e também integrante do trabalho foi bem desafiador, pois também queria opinar sobre as fotos, além de entregar um excelente trabalho traduzindo o conceito idealizado.

O projeto foi idealizado por mais duas pessoas a quem deixo meus mais sinceros agradecimentos Elis Eulalia e Marianra Santos, que cederam as imagens e infelizmente por motivos pessoais não estão comigo nesse processo do CRIA.

A ideia como um todo e os signos que carrega vai muito além de só uma fotografia, ela trás a ideologia do festival, a espiritualidade da personagem e uma grande reflexão para o futuro da moda